



**11ª Jornada Científica e
Tecnológica do IFSULDEMINAS**

**& 8º Simpósio de
Pós-Graduação**

GUERRA DOS SEIS DIAS: ANTECEDENTES, O CONFLITO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ATUALIDADE

RESUMO

A história de um povo, seus costumes, identidade e hábitos estão intimamente ligados ao território. Muitos dos atuais estado-nações que compõem o globo assim se reconhecem a mais de um milênio; outros, entretanto, são frutos de políticas internacionais recentes, como é o caso do Estado de Israel, criado em 1948. A criação de um estado judeu em uma região de maioria árabe nunca foi aceita pelos países da região e vem desencadeando um conflito que ultrapassa gerações. As guerras entre árabes e o estado de Israel marcaram dos à segunda metade do século XX, sendo a Guerra dos Seis Dias, importante para estabelecer o estado judeu como uma potência militar na região. Este estudo se concentrou na Guerra dos Seis Dias, seus acontecimentos mais impactantes e resultados observáveis até o cotidiano presente.

Palavras-chave: palestina. judeus. árabe. sionismo. guerra.

1. INTRODUÇÃO

Com o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foram revelados ao mundo os horrores cometidos contra a comunidade judaica nos campos de concentração nazista, onde, estima-se, mais de seis milhões de judeus foram torturados e mortos.

Em 1947, muito pela comoção causada pelas revelações quanto aos crimes nazistas, a ONU, Organização das Nações Unidas, decidiu repartir o território da Palestina em dois estados autônomos, um árabe e outro judeu. Esta divisão, intermediada pela Grã-Bretanha, país que administrava a região desde o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) nunca foi aceita pela comunidade árabe, nem bem quista pelos sionistas judeus, o que mergulhou a região em um período de conflitos que se estende até os dias atuais.

Esta pesquisa se preocupou em estudar um desses conflitos entre os povos árabes e o Estado de Israel (haja vista que até hoje, um país árabe ainda não foi oficialmente instituído na região), a Guerra dos Seis Dias. O empenho se justifica, pois desta guerra é que Israel emerge como potência bélica regional.

Quanto aos objetivos, especificamente pretendeu-se: a) analisar a Guerra dos Seis Dias no sentido de uma historiografia oficial, dando ênfase as batalhas de acontecimentos marcantes; b) discussão dos resultados do conflito e seus desdobramentos nos países envolvidos. E, como objetivo geral, tecer considerações quanto a relação entre os povos árabes e a comunidade judaica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conflito que ocorreu em 1967, e colocou em choque Israel e uma coalisão árabe formada por Egito, Síria, Jordânia e Iraque; apesar do curto período de tempo, foi uma guerra que reverbera até hoje nas relações diplomáticas e políticas da região (BLAINEY, 2014).

Em maio o estreito de Tiran é fechado pelo Egito e Jordânia, retirando de Israel uma importante saída para o mar Vermelho. No mês de junho, tropas do Egito ao sul, da Jordânia ao centro e da Síria e do Iraque ao Norte iniciam movimentos de preparação para a invasão de Israel (PRESSFILD, 2016).

Vendo-se cercado por todos os lados e contando com um exército inferior em homens, máquinas e suprimentos, restou a Israel surpreender o inimigo atacando de surpresa o Egito na madrugada de cinco de junho. Toda a força aérea egípcia foi destruída ainda em solo. Desorientados, os comandantes egípcios não perceberam o avanço israelense para Gaza e no Sinai (BLAINEY, 2014).

Igual destino foi dado à força aérea da Jordânia, quase toda abatida ainda em solo, pior, em momento de abastecimento das aeronaves, o que resultou num imenso número de mortos e cenas chocantes. Até o final deste primeiro dia de lutas, o presidente do Egito escondeu de seus parceiros a real condição de suas tropas, insuflando os outros países a atacar Israel em um avanço final de destruição do país.

Com os flancos abertos, sem apoio aéreo e enfrentando as adversidades de uma guerra no deserto contra um inimigo em menor número, mas melhor treinado e mais disposto, as tropas egípcias são cercadas. Este segundo dia de combate é crucial para que o ministro da Defesa de Israel, Moshe Dayan (1915-1981) dê o aval para que se iniciasse uma ofensiva final contra o Egito (OREN, 2004).

O terceiro dia de guerra se desenrola com a perseguição ao que restou do exercício egípcio pelas tropas israelenses comandadas por Ariel Sharon (1928-2014), que nos anos 2000 chegou ao cargo de primeiro ministro de Israel, sendo forte seu apelo popular muito por conta de suas ações como militar nas guerras de conquista e manutenção do território judaico (PRESSFILD, 2016).

Se ao sul a coalisão árabe não via possibilidade de vitória, mesmo sob ataque em três frentes, Israel conteve os avanços da Jordânia pelo centro, e da Síria e do Iraque ao norte, sempre tomando a iniciativa dos combates, encurralando o inimigo, diminuindo as chances de contra-ataque. As colinas de Golã, na Síria, cenário de outra vitória israelense praticamente forçou um recuo das forças do país ao norte, dando as tropas sionistas o domínio da região.

Jerusalém se tornou palco de uma guerra de trincheiras, onde o exército jordaniano resistiu ferozmente aos avanços israelenses, entregando a cidade em sete de junho ao custo de muitas vidas

(OREN, 2004).

Após seis dias de conflito, Israel havia destruído a força aérea do Egito e da Jordânia, bem como o exército deste primeiro país. O exército Jordânico e Sírio também sofreram inúmeras baixas. O Iraque, não auxiliou nos esforços da coalisão, por não ter fronteiras com Israel, não teve seu território invadido, mas também sofreu com baixas e derrotas de suas tropas. Além disto, o saldo de vidas perdidas foi altíssimo para a coalisão árabe. Israel saiu vitorioso do conflito, tomando posse total de Jerusalém, das Colinas de Golã, da margem jordânica do rio Jordão, além de toda a faixa de Gaza e da Península do Sinai, o que fez seu território mais que triplicar.

Em 10 de junho, um armistício foi assinado pelos países árabes envolvidos no conflito e Israel, onde era reconhecida a vitória israelense. O muro das lamentações em Jerusalém, tomado pelos árabes na Guerra de 1948-1949, foi recuperado, fato muito festejado pela comunidade judaica mundial (PRESSFILD, 2016).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Foi empregado o método de pesquisa bibliográfica, com consulta a livros sobre a história da região do conflito, dos países que se envolveram na guerra e das batalhas em si.

Os materiais foram colhidos a partir de acervo pessoal dos pesquisadores e visita a bibliotecas públicas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nove dias após a assinatura do armistício, Israel ofereceu a Síria e ao Egito a devolução de todos os territórios conquistados em troca do reconhecimento, por estas nações, da existência do estado de Israel e seu direito de existir. Contudo, em Setembro de 1967 a Liga Árabe de Nações se pronunciou a respeito do conflito com o famoso “três não’s”: não ao reconhecimento, não a paz, não ao acordo (VISENTINI, 2014).

Como se nota, não é um assunto de fácil compreensão. O empilhamento de corpos em ambos os lados do conflito tornam esforços internacionais pela paz cada vez mais desertos em soluções. O extremismo de grupos autônomos que não representam a comunidade árabe ou o estado de Israel dificultam as negociações para a criação de um Estado Palestino.

Israel não está disposto a entregar aos árabes palestinos alguns territórios ocupados desde a guerra. Os palestinos continuam sem reconhecer Israel como um país independente. Um acordo parece estar longe, principalmente por conta do controle de Jerusalém e dos locais sagrados que habitam a cidade, fazendo com que a religião, ao invés de pacificar os povos, sirva como

catalizador com conflito.

5. CONCLUSÕES

As questões que envolvem o conflito judeus/palestino não são de fácil resolução. As guerras travadas na região ajudam nas tensões. O ressentimento e medo do “inimigo” fazem com que os esforços das nações envolvidas no conflito sejam alocados nos esforços guerra, não de paz.

Existe uma tendência mundial a criação de um estado Palestino, mas Israel não dá sinais de que possa se retirar de locais ocupados essenciais a criação deste estado.

Por outro lado, os “três nãos” da comunidade árabe ainda estão vigentes, ou seja, a criação de um Estado Palestino é somente um dos pontos essenciais à resolução dos conflitos, carecendo ainda, uma mudança na mentalidade dos países árabes com relação a Israel.

Cada um dos atores deve abrir mão de certos aspectos essenciais de sua cultura e visão de mundo em prol da paz. O estabelecimento de acordos de cooperação em algumas áreas, a transmissão de tecnologia israelense ao povo palestino, o fim dos assentamentos judeus nos territórios ocupados, podem ser ações positivas no caminho da paz, mas todo o esforço passa necessariamente pela aceitação. É necessário que ambos os lados do conflito aceitem o direito a existência, autonomia e liberdade de um estado Palestino e de um estado Judeu.

REFERÊNCIAS

BLAINEY, Geoffrey. Uma breve História das Guerras. Curitiba/PR: Fundamento, 2014.

FEDERICI, Michael P. Eric Voegelin. Restauração da Ordem. Tradução Elpídio Mario Dantas Fonseca. São Paulo/SP: É Realizações, 2011.

GELVIN, James L. Israel X Palestina, 100 anos de Guerra. Tradução Alexandre Sanches Camacho. São Paulo: Edipro, 2014.

OREN, Michael B. Seis Dias de Guerra. Junho de 1967 e a Formação do Moderno Oriente Médio. São Paulo: Editora Bertrand do Brasil, 2004.

PRESSFILD, Steven. A Porta dos Leões. Nas linhas de frente da Guerra dos Seis Dias. São Paulo: Contexto, 2016.

REBELLO, Demétrio Moura. Israel Palestina a história da Terra Santa. São Paulo: Giostri, 2015.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. O Grande Oriente Médio, da descolonização à primavera árabe. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.